Material com direitos autorais

1. A promessa
2. Futurama
3. O quilombo
4. A plantação
5. Valongo
6. O navio
7. A origem

Autor
Créditos

Material com direitos autorais

1.
A promessa

Quando soube do ocorrido à filha, diante da lentidão da justiça e antes de o agressor sumir de vez, prometeu a ela que o mataria, caso tivesse uma doença diagnosticada: descobriu a doença quase um ano depois, enquanto o inquérito ainda se arrastava, e não foi mesmo que uma condenação se antecipou a outra, ele pensou ao receber a filha e reiterar sua promessa, ambos sentados na sala diante da tigela de cozido que nada tinha a ver com barbárie ou tristeza, e agora só lhe restava correr para que seu tempo não expirasse feito suas palavras, uma promessa subindo junto da nuvem suspirada pelo cozido, engolidas pelo foco de luz da luminária acima da mesa de jantar.

Na tarde em que foi informado da natureza da doença, saiu da clínica com os exames num envelope, sentou no boteco da esquina e pediu uísque. A chuva veio e ele ficou, como de hábito quando bebia, girando a pedra de gelo no copo com o indicador em sentido anti-horário. Ao fazer isso costumava brincar com a filha ou com quem estivesse por perto, dizendo que era para o tempo não passar. Naquela ocasião contava que o tempo retrocedesse, na verdade, voltando para antes de a doença aparecer e do acontecido à filha. O aguaceiro engrossou e cobriu a calçada, arrastando sacos de lixo que entupiram sarjetas e bueiros, ilhando-o no boteco por tempo suficiente para a dose além da conta.

Com a enxurrada, refluíram ondas que formaram um torvelinho, em cujo centro volteava um chinelo tipo ráider e sobre o chinelo um rato encharcado, porém vivo; o aguaceiro aumentou e ali ficou, ali ficaram os dois se encarando, ele em seu posto no balcão de frente para a rua, o rato à deriva no chinelo como um comandante que se recusasse a abandonar o barco: o

Material com direitos autorais

rato e ele, ambos aprisionados ao torvelinho do presente.

A promessa: ao longo de meses, em posse do nome e da identificação fiscal do sujeito em questão, que é como ele passou a se referir ao homem que fez aquilo com sua filha, tratou de monitorá-lo à distância, seguindo seus passos através dos registros públicos. Após a acusação ser feita, deram início às oitivas das testemunhas, e na medida em que a fragilidade do processo reproduzia a da própria vítima, protegendo o sujeito em questão e desprezando a anormalidade do cenário em que o fato se dera, ou tendendo a ignorar prováveis motivações das partes, adiando sem perspectiva o início do inquérito em si, mesmo diante das seguidas negativas do sujeito em atender às intimações para prestar depoimento na delegacia, o que não deixava de ser uma admissão de culpa, ele concluiu que não poderia faltar à promessa, e afinal fazer justiça tendo sua doença como pretexto.

Para viver mais ele teria de tomar providências, além de remédios. A situação andava difícil, o mundo parecia em coma, mas ainda era possível conseguir genéricos a preços dolorosos que prorrogariam seu tempo de caça, remédios obtidos nas farmácias das milícias que substituíram o sistema público de saúde.

O sujeito em questão: pouco se sabia do homem, a não ser da sua disposição em colocar mulheres para dormir com drogas diluídas na bebida do bar que mantinha na zona oeste da cidade. Era covarde, um estelionatário que não parecia disposto a pagar suas contas, por ínfimas que fossem, seus negócios iam mal, sua ex-sócia o processava, a prefeitura queria desalojá-lo do estabelecimento, e a escrivã de polícia desejava ouvir sua contraparte.

Contudo, o sujeito em questão tinha desaparecido das vistas, não comparecendo à delegacia quando intimado. Mas seus números, esses ainda podiam ser vigiados.

Material com direitos autorais

A doença, como os seres humanos e o sujeito em questão, também era feita de números, de cifras e frações decrescentes. Estavam nos laudos médicos e registros públicos, na ordenação dos processos, nas custas e no calendário na parede. Nomeavam os dias. Em suas investigações, ele esquecia de si, do próprio organismo que fraquejava, pois, embora não sentisse dores, a doença lhe drenava energia e o corpo o abandonava aos poucos. Após sofrer o que sofreu e ser ouvida na delegacia, quase um ano depois, a filha viajou com amigas que a abrigaram em algum lugar distante, talvez do outro lado do oceano, enquanto ele permaneceu sozinho em sua solidão na cidade. A natureza do seu ofício não o obrigava a sair, o que ajudava no acompanhamento remoto do sujeito em questão.

No fundo não reunia características de um predador, como o sujeito que vigiava parecia reunir, e não tinha mais idade para cumprir o prometido. A idade do sujeito em questão o inquietava, pois era próxima da sua. Ele se perguntava como um corpo da mesma idade que o seu, com deficiências semelhantes às suas, podia se entregar ao desejo que resultou naquilo cometido contra sua filha, uma mulher jovem de temperamento expansivo, levada pela solidão e pela sede, desprevenida pela ansiedade, alguém que se recusou a fechar a porta de noite para se proteger, escolhendo a diversão a permanecer em casa, embora ele reconhecesse a verdadeira alegria como algo que nunca se manifesta fora, pelo contrário, a alegria costuma luzir dentro da gente, como algo adormecido que desperta de vez em quando e logo volta a hibernar. Contribui para essa percepção o fato de ninguém saber exatamente quem sou.

O futuro, antes aberto à imaginação, agora era previsível, de uma previsibilidade cinzenta e insubstancial que o congelaria, caso não tivesse um propósito, caso não tivesse a promessa a cumprir. Havia aspectos do seu ofício que o aparentavam a um arqueólogo de máquinas esquecidas. Cultivava bugigangas anacrônicas, engenhocas textuais que se desfaziam diante do olhar, algumas delas ainda funcionavam, bem aquelas que o distraíam ao

Material com direitos autorais

lembrar da doença, nos momentos em que reconstituía os passos do acontecido à filha, a partir das informações estampadas no boletim de ocorrência que teve a infelicidade de ler. Na poltrona da sala, diante dos aparelhos em que rastreava o sujeito em questão, às vezes assistia a filmes antigos e ouvia discos velhos, afundando na inércia. Àquela altura ainda acreditava que, na impossibilidade de prever o futuro, o melhor a fazer era inventá-lo.

Em ocasiões, quando emergia da tensa quietude que o tomava, alcançava o telefone de parede, cujo fio tão longo lhe permitiria perambular pelo apartamento, se pretendesse se mover tanto assim. Não era o caso, e ele voltava à poltrona, de onde discava seguidas vezes para o número deixado por sua filha do albergue onde estaria. Na primeira vez em que o atenderam, informaram que ela havia saído com suas defensoras, amigas que vinham ajudando a filha a superar o ocorrido, companheiras do grupo feminista da faculdade.

Na segunda tentativa e nas ligações seguintes, o telefone do albergue deixou de tocar, e mesmo depois de um tempo a estática do telefone ficou soando em sua cabeça. Essa repetição não foi a única, surgiram outras, misturando-se aos ecos de uma ideia fixa com poucas variações.

A ideia fixa: entrar armado de um porrete escondido na mochila no estabelecimento pertencente ao sujeito em questão, pedir uma bebida e, quando o sujeito se virasse para atendê-lo, acertar sua nuca. Depois abrir suas calças e enfiar bem fundo o cabo do porrete em seu rabo. Essa ideia se alternava com a troca do porrete por uma barra de ferro. Em outra ele simplesmente invadia o lugar com um revólver, disparava contra o sujeito em questão numa parte do corpo que não lhe resultasse fatal, depois arriava suas calças e penetrava seu rabo com o cano do revólver, de maneira que a alça de mira lhe rasgasse o reto, causando uma hemorragia que o matava. A seguinte ideia também o atraía: tornava-se freguês do bar, fingindo amizade com o sujeito, e, numa noite, após semanas de impostura, logo depois de o sujeito

Material com direitos autorais

recebê-lo com um riso, com uma risadinha de contentamento, o drogava com alguma substância despejada em sua bebida, usando do seu próprio remédio. O prosseguimento não variava muito, penetração com objeto perfurocortante e depois a liquidação de contas em aberto, encerradas com um só gesto brutal, assinalando sua passionalidade diante do caso, algo que preferiria evitar: sabia que seu papel no drama era secundário. Na desordem de sua cabeça, a vingança, do desarme ao gesto conclusivo, deveria ser cometida por sua filha.

No entanto, ela reagiu com horror e descrédito na noite em que a convidou para jantar o cozido, o prato preferido dela, ao ouvi-lo reiterar a promessa de que, na iminência da própria morte por causa da doença, assassinaria o sujeito em questão. O horror da filha já havia se manifestado quando ele, ao saber o que aconteceu a ela, reagiu como um homem costuma fazer nessas situações: com urros, bravatas, arremessos de cinzeiro e de qualquer objeto ao alcance. Já o descrédito se deveu ao fato de ele não se encaixar naquele papel de valentão. A natureza do seu ofício, tão sedentária e marcada pelo isolamento, aguçou nele o temperamento arredio, indisposto a qualquer ação prática, e nisso até algo banal como sair de casa lhe parecia dificultoso. Mantinha seu comportamento estoico, e no fundo acreditava que realizar qualquer espécie de ação, não necessariamente bárbara, era o princípio do mal. Entre a solidão e a vulgaridade do convívio, sempre abraçou a primeira.

Sua apatia logo declinava para a melancolia. Para fazer o mundo vir até ele, o que o desobrigava de ir ao mundo, ligava o rádio de pilhas. As notícias eram vagas, contraditórias, vinham em lacunas ruidosas e espelhavam sua consciência em vias de se esfumaçar em seu oposto, na rigidez da obsessão.

Considerou contratar um detetive para rastrear o tal sujeito, cansou-se de enxergá-lo somente na forma de números, isso o desumanizava, por mais que o sujeito parecesse desprovido de qualquer traço de humanidade, de qualquer ângulo que se olhasse. Não conseguiria manter o ódio que o aquecia pelo

Material com direitos autorais

tempo necessário para cumprir seu intento, se continuasse a vê-lo apenas como números em papéis, números em telas, números em sua conta bancária que decrescia, indo quase ao zero. Seria impossível continuar a odiar um número. Logo, o sujeito precisava voltar à forma humana, ao seu revestimento de roupas ridículas, carne e canalhice. Isso deveria acontecer quanto antes. Daí a ideia de contratar um detetive que lhe trouxesse fotografias do sujeito em questão, o que também serviria para manter suas pegadas bem vivas, caso os meios de monitoramento remoto falhassem. E ele, um especialista em obsolescência, sabia que falhariam.

Talvez não fosse conveniente acelerar os fatos, pois se o ódio irrompeu imediatamente, no instante mesmo em que soube do ocorrido com a filha, a incerteza do processo penal cresceu aos poucos, à medida que as etapas se estendiam ao longo de meses morosos, cada vez mais intervalados pela burocracia e pela má vontade da justiça, por quase um ano.

Surgiu a necessidade de contratar uma advogada que se comprometesse com a ação, e não apenas com o dinheiro dele. A primeira advogada tinha causado ainda mais aborrecimentos, embora alimentasse a imagem de ativista em defesa das mulheres, fazia isso com tanto empenho que não lhe restava tempo para cuidar da clientela. Após consumir metade dos recursos arranjados por ele em nome da filha, ela desistiu e apresentou uma nova advogada em sua substituição. Apesar de novata, ou quem sabe por isso, a nova advogada se comprometeu com o caso, além de orientá-lo no acompanhamento remoto dos registros públicos. Ao ouvir dela quais seriam os passos seguintes, ele se perguntava o que a movia, já que a sobra de dinheiro era tão pouca, afinal, se o compromisso ético do juramento de advogada, a ambição por construir uma reputação de caçadora de sujeitos como aquele em questão, ou a vingança por talvez ter sido vítima de algo parecido ao que sua filha sofreu.

A etapa posterior ao registro da ocorrência se manteve sob

Material com direitos autorais

exclusivo jugo daquela evangélica acinzentada e obesa, a escrivã de polícia. Dois terços do tempo dedicados a colher um depoimento eram gastos na longa espera em que a testemunha, já diante da escrivã em sua escrivaninha, a ouvia reclamar das condições de trabalho, da delegada, da nora, dos netos, da rifa na igreja organizada para custear a reforma do salão de eventos, além de tagarelices com as demais funcionárias da delegacia sobre urgências diversas, como a faxineira que vendia cosméticos a fim de incrementar sua renda, na qual disse que a lavanda não cheirava a lavanda mas o rímel parecia valer a pena. Após implorar por desconto, a escrivã comprou um batom para a nora de quem reclamava havia pouco e depositou os dedos gordos no teclado repleto de migalhas, iniciando o interrogatório à testemunha da ocasião, com perguntas pré-formuladas que a jovem advogada corrigia com meneios da cabeça e acenos feitos de maneira a não sugerir que interferia na transcrição do depoimento. A fileira das testemunhas se alternava diante da escrivã de polícia e dos seus dilemas particulares, dos quais, por sua vez, também eram testemunhas.

As testemunhas eram três amigas, as mesmas que dali a quase um ano levariam a filha para o albergue, para a viagem de cura, uma antiga colega do ensino médio de sua filha que a encontrara na noite do evento em questão, agora uma estudante de arquitetura meio pônqui, mais duas colegas de faculdade que a socorreram na tarde que se seguiu ao crime, resgatando a filha em frente ao local onde tudo aconteceu e depois a acompanhando num périplo a delegacias inapropriadas para o registro da ocorrência ou mesmo fechadas, depois ao hospital a fim de realizar o exame de corpo de delito. Na antessala, à espera de serem ouvidas, as testemunhas se comportavam como se estivessem no camarim prestes a entrar em cena. Exceto pela antiga colega do ensino médio, eram todas estudantes de teatro, e uma delas se preparava para o teste de elenco de um musical, ensaiando baixinho com fones de ouvido a canção a ser interpretada. Em vários momentos ela se animou além da conta, e seus trinados chegavam ao corredor da delegacia.

Material com direitos autorais

Na delegacia, dois policiais à paisana fumavam no estacionamento. Poucas pessoas nas cadeiras da recepção, onde um homem dormia com a cabeça pendendo sobre o ombro. Parecia viver ali, o lugar se encontrava deserto. Não chegaram todas ao mesmo tempo, as testemunhas, primeiro veio a dona do automóvel que resgatou a filha, seguida pela futura estrela de musicais. Com atraso, apareceu a estudante de arquitetura meio pônqui e em seu rastro veio o espanto com a passagem do tempo: já não se parecia em nada com a secundarista de antes, com quem almoçou tantas vezes na companhia da filha, poucos anos atrás. O estranhamento maior se deveu à aparência do corpo dela, pois antes era gorducha e agora parecia adelgaçada, equilibrando-se nos coturnos que a deixavam mais alta. Talvez as calças pretas alongassem essa impressão. Em contraste com as estudantes de teatro, era uma soturna mancha existencialista, equilibrando o ambiente com certa gravidade, conveniente ao objetivo que as levou até ali. A advogada foi a última a chegar. Somada aos intervalos e às hesitações da escrivã de polícia, a espera prometia ser duradoura.

De manhã tinha passado mal, antes de tomar o táxi que o levou até a delegacia. Vomitou um pouco, após o banho. Não soube se o enjoo provinha daquela situação, ou se se tratava do primeiro sintoma da doença ainda ignorada. De fato, sentia-se doente a ponto de se ver no direito de julgar o comportamento daquelas garotas tão leais à filha. Enquanto uma cantava e outra se perguntava quando seriam atendidas e a garota meio pônqui se aferrava ao livro que lia, uma desconhecida acabou se juntando ao grupo na antessala. Diferentemente das estudantes, não pertencia à classe média. A expressão que a recém-chegada carregava estava ausente nas companheiras de espera: era de medo e a manifestava através da renitente mudez. Tossia, parecia febril. Perscrutou cada uma das presentes por um tempo, cruzou e descruzou as pernas e foi embora. De início, parecia ter saído para fumar. Mas não voltou mais. Ninguém chegou a notar sua presença e, ato contínuo, ele retomou seu julgamento silencioso da ausência de decoro das estudantes de teatro,

Material com direitos autorais

chamavam demasiada atenção quando o necessário seria permanecerem atentas, à escuta da menor ameaça.

Algum tempo depois de prestar depoimento, quase um ano após o sujeito em questão entrar na sua vida e depois do diagnóstico da doença, ele recebeu a filha para jantar e firmou sua promessa diante do cozido que ela adorava. O vislumbre das engrenagens emperradas da delegacia o fizera perceber o mundo como uma encenação teatral em que a polícia interpretava papel bastante metódico: o de não deixar nada acontecer, para o bem ou para o mal. Nos mecanismos da justiça, os inquéritos policiais equivaliam à areia misturada à graxa num sistema de polias.

Na mesa da sala, ao ouvi-lo anunciar o diagnóstico, com os talheres nas mãos, a filha o olhou com horror. Antes de aquilo acontecer, de entrar num bar para beber e ser drogada, ela imaginava que no dia seguinte teria no máximo uma ressaca, e agora convivia com o horror da lembrança, com desprezo pelo próprio pai e seu projeto de perpetuação da violência. Assim que ele reiterou seus planos, ela se ergueu, deixando o prato ainda vazio, e saiu. Mas voltou um instante, apesar da raiva, talvez com pena dele, e o beijou no rosto. Um só ato de violência causa uma reação em cadeia, ela disse, fazendo a sociedade retroceder à barbárie. Ela se negava a participar daquilo. A filha murmurou esse enigma no ouvido dele e partiu, deixando a porta aberta, enquanto ele erguia a tigela de cozido como um convite final, a tigela simbolizando a promessa, ambas continuam a queimar minhas mãos, a tigela e a promessa, desde aquele momento. Foi a última vez que a vi.

A história da sua relação com a morte tinha duas etapas distintas. A primeira antecedia a descoberta da doença, algo a ver com seu comportamento e a despreocupação com o próprio corpo. Não pensava na morte, o que só apressou a chegada do diagnóstico letal. A segunda etapa se relacionava com o acontecido à filha, pois, com a impossibilidade de resolver o assunto por meios próprios — o porrete, a barra de ferro, o revólver que compraria

Material com direitos autorais

no mercado clandestino —, passou a se sentir um morto que se alimentava sem apetite algum. Perdeu por completo o desejo, e a mera ideia do sexo, quando se insinuava em sua mente como uma fotografia de revista desbotada, tratou de lhe causar enjoo. Essas duas etapas não se relacionavam com a doença, apenas com aquilo sofrido pela filha e, embora se sentisse morto, somente a morte do outro importava. Com isso, sua própria morte se resumiu à importância de um gatilho ou de uma desculpa: existia apenas para disparar algo mais essencial, algo que daria fim ao seu sofrimento, ainda que temporariamente. Sabia que em poucos meses não sentiria mais nada, nem amor, nem vergonha, nem ódio. Esteatose, hepatite, fibrose, cirrose, assim o médico resumiu a via-crúcis hepática. E a morte.

À medida que as pegadas virtuais do sujeito em questão começaram a se apagar e ele deixou de obter sinais da filha, abandonou-se à apatia. Deitado diante da televisão, assistia a filmes em preto e branco à procura de um mundo sem dúvida mais compreensível que o cinza da realidade além do apartamento. O passado parecia mais simples justamente por já ter acontecido. Ao suceder aquilo com a filha, um fenômeno alterou o correr do tempo, que se estagnou, o presente se tornou aquilo mesmo sofrido por ela, que se confundiu com a doença e substituiu o cotidiano, um rato molhado em cima do chinelo girando na enchente, o cubo de gelo sendo girado em sentido anti-horário dentro do copo, os ponteiros imóveis do relógio de pulso, as estrelas barradas pelo teto irremovível, pela tampa gigantesca do barril, o torvelinho do presente.

Em sua percepção estática, somente as fitas em preto e branco se moviam no videocassete, às vezes emudecidas, pois mesmo quando os filmes eram falados ele reduzia o volume do aparelho ao zero. De tempos em tempos, ao se erguer e trocar as fitas, olhava a luz projetada pela janela da sala na parede só para se certificar de que permanecia cinzenta, um meio-termo impossível segundo sua compreensão maniqueísta da existência, que ele voltou a alimentar como na infância, quando lhe

Material com direitos autorais

incutiram a ideia de que o mundo presenciava o embate entre duas forças, preto versus branco, junto da convicção de que apenas uma delas venceria, e para isso acontecer bastaria se comportar bem.

Os filmes: neles, homens se espancavam mutuamente, atiravam tortas de creme uns nas caras dos outros, arrastavam mulheres pelos cabelos com tacapes nas mãos, disparavam contra índios a cavalo, protegidos detrás da diligência tombada ou das rochas do desfiladeiro, duelavam ao poente, corriam no topo de vagões de trens em movimento, bombardeavam cidades repletas de mulheres e crianças, chicoteavam cavalos à frente de bigas em disparada, guilhotinavam reis e rainhas, furavam buchos com punhais e amputavam membros com pesadas cimitarras. Nos intervalos disso tudo, piscavam freneticamente as pálpebras ao verem mulheres por quem se apaixonavam, cometendo insanidades apenas para atrair a atenção delas. Era o mundo onde ele foi criado e do qual herdou as noções de honra que tanto o perturbavam agora, nesse torvelinho em que se estagnava desde aquilo acontecido à filha, uma queda em espiral o retendo num momento perene.

A reação da filha ao ouvir sua promessa, quando a doença ainda não tinha se feito presente: ela assentiu, meio sem o entender, como alguém que pestaneja ao ouvir a risada de um idiota. E, quase um ano depois, a reação da sua filha ao ouvi-lo reiterar a promessa, ao mesmo tempo que era informada da gravidade da doença: ela soltou os talheres na mesa e sorriu, apenas com o canto da boca. Não acreditando que ouvia aquilo pela segunda vez, limpou o lábio superior com o guardanapo e deixou o cozido esfriando no prato. O silêncio dela a partir desse episódio lhe pareceu uma aceitação ainda mais aguda da sua noção de honra paterna, tão despropositada quanto antiquada. Contudo não se tratava de um assentimento calado por parte dela, ao contrário, mas da própria incapacidade dele de ouvi-la, o silêncio da filha diante da reiterada promessa de vingança dizia que ela ainda

Material com direitos autorais

acreditava na justiça, não na dos homens mas na justiça das mulheres. Não queria mais ter nada a ver com a justiça dos homens.

De fato, havia mais brutos e criminosos debaixo de tetos do que nas ruas. Nos bares, apartamentos e prédios a brutalidade, como a violência, era a base de tudo. A brutalidade das ruas não era nada comparada com a dos condomínios. Os crimes nas ruas, os assaltos e atropelamentos não eram nada em comparação com os crimes domésticos. Os crimes nas ruas infestadas de miseráveis da cidade eram ridículos ao lado dos crimes cometidos nos balcões de bares, nas mesas de jantar, nas camas de casal. Os homens, julgava ele, eram delinquentes e criminosos natos. Tudo neles era violento e criminoso, nas ruas ou em casa, mas nada era mais brutal do que aquilo cometido entre quatro paredes.

Prevalecia no subconsciente masculino, a despeito da educação do indivíduo, um código de leis que não era diferente do aplicado por criminosos nas penitenciárias. O horror manifestado pela filha ao ouvir a reiteração da promessa tornou patente que essas leis só pareciam razoáveis nos meandros obscuros da cabeça do pai. Ela sabia que a execução da lei de talião apenas o levaria para a cadeia, o que afetaria sua própria vida em algum nível que não tinha condições de avaliar. Ele havia sido criado como homem, sob o ônus da herança que isso significa: a violência, em seu caso nunca praticada. Era pacato, porém de temperamento irritadiço, sua neurastenia se manifestava somente por meios intelectuais. Essa maneira de ser ditou seu sustento, a natureza do seu ofício, o trabalho editorial e a tradução, a leitura e a escrita, que o levou a uma existência estanque, quase precária de tão apática. Não tinha os atributos de um pistoleiro de aluguel, nem mesmo a pistola.

Deitado na poltrona da sala do apartamento atulhado de livros, fitas e discos, o teto girava ao redor da obsessão fixada no fundo dos seus miolos. Seus dias, até aquilo acontecer com a filha, foram marcados pelo consumo de álcool, que agora, doente,

Material com direitos autorais

devia superar. Só assim escaparia ao imobilismo e iria, afinal, ao encontro do sujeito em questão. A mera ideia de sentir a barra de ferro nas mãos, porém, o aterrorizava. Talvez não tivessem sido seu temperamento ou o pendor à contemplação que o protegeram ao longo da vida em apartamentos e escritórios: a covardia o conduziu até ali, e só a coragem poderia resgatá-lo.

Ou a doença: não tinha nada a perder, mas talvez tivesse a ganhar. Quem sabe a fulguração do seu gesto final resistisse ao apagamento da memória, e fosse lembrado pela filha como um homem no futuro. Como um verdadeiro homem.

Depois de semanas prostrado, ele se ergueu e caminhou até o chuveiro, fedia como alguém na véspera do próprio enterro. Ao abrir a torneira, não saiu água. A pia da cozinha e a do tanque exalavam longos suspiros, suspiros asmáticos provenientes das entranhas do prédio que também parecia adoecido, assim como o corpo dele. A linha telefônica deixou de funcionar e com isso os mecanismos usados para monitorar à distância o sujeito em questão. Não chegavam notícias da filha nem mesmo por via postal, já não chegavam os boletos de cobrança enfiados pelos funcionários por debaixo da porta. A água não sair da torneira e os boletos sumirem pareciam sinais inequívocos de que o mundo não ia nada bem.

Tentou captar sinais de rádio pouco antes de o aparelho morrer. Talvez devesse emprestar pilhas do vizinho, apesar de não suportar o velho que vivia na porta ao lado. Ao ouvir o rangido das dobradiças da porta da sala, calculou quantos meses fazia que não a abria, sem nenhuma conclusão. Ninguém atendeu no apartamento vizinho. Do fundo do corredor, das escadarias e do poço do elevador, vinha o mesmo murmúrio surdo que escorria pelo encanamento do prédio. Ele voltou ao apartamento e passou a revirar amontoados de papéis velhos. Entre antigas aventuras de capa e espada — sua noção de honra também vinha daquelas leituras —, encontrou um grosso volume das páginas amarelas de anos atrás, quando ainda imprimiam esse tipo de coisa. Na seção dedicada a alfaiates,

Material com direitos autorais

sapateiros e dentistas localizou endereços de detetives particulares, apenas três ou quatro, especializados em adultérios. Equipamentos de última geração. Gravadores e câmeras digitais. Preços módicos. Considerou descer e ir ao endereço mais próximo, mas antes verificou a janela. Lá embaixo o mundo parecia seguir sua rota invariável rumo à destruição.

Em frente ao elevador de serviço, o lixo se acumulava. Onde estaria o faxineiro do prédio, um fulano que conhecia seus maus hábitos como ninguém e também os do velho alcoólatra que morava ao lado. Ele se envergonhava um pouco quando ouvia o tilintar das suas garrafas de vidro se chocando ao serem recolhidas e, para disfarçar, costumava descartá-las junto às do vizinho. As últimas garrafas consumidas seguiam ali, acumuladas ao lado da lixeira transbordante de moscas. Algo bastante incomum, o faxineiro nunca tardou em recolhê-las. Era quase um apoio tácito à sua bebedeira, assim como à do vizinho, o pronto recolhimento das garrafas, já que a venda delas para reciclagem devia ser importante suplemento da renda do faxineiro. Bebam, bebam. Quanto mais garrafas, melhor. O fulano era um parasita. Mas as garrafas continuavam ali.

O sol iluminava a cidade como uma ideia fixa. Na calçada, onde antes ele costumava ver uma ou outra velha conversando, não havia ninguém. Caminhou em direção ao endereço do detetive, uma rua no bairro vizinho ao seu. No trajeto, em número cada vez mais exagerado, multiplicavam-se os mendigos. Nenhum pediu dinheiro, era de causar estranheza. Pareciam de mudança. Arrastavam seus trastes olhando para trás como se tivessem alguém no encalço. Em frente ao restaurante beneficente do governo, ao deparar com a horda de famintos, intuiu: a maioria da população já vive nas ruas. Agonizavam nos cantos. Na fila, caíam duros.

O escritório do detetive ficava num prédio comercial decadente já conhecido, pois nele se situava também o técnico que consertou uma vez sua televisão e seu videocassete, além dos sebos nos quais comprava livros. Homens que viviam de

Material com direitos autorais

comprar e vender lixo, homens-lixo. A portaria do prédio, onde faltava energia elétrica, estava vazia. Pela oxidação, as portas de correr da loja do técnico não eram levantadas fazia algum tempo. No segundo piso, na salinha onde deveria ficar o detetive, não rolava pelas paredes nenhuma sombra de gente. Desceu ao térreo pela escadaria e saiu, ensimesmado, andando pela cidade.

Suas pernas desleais o conduziram à calçada em frente ao estabelecimento do sujeito em questão. O bar estava fechado, e ele decidiu aguardar do lado oposto da rua, debaixo da árvore: a noite o flagrou sentado na calçada, quase cochilando, à espera do dono. Na rua, antes bastante movimentada, a principal de um bairro lotado de lugares suspeitos como aquele, passaram dois carros. Pertenciam à polícia, mas não pareciam conduzidos por policiais. Debruçados nas janelas dos carros, homens de balaclavas negras exibiam suas carabinas. Ele continuava agachado na calçada, detrás do tronco da árvore, e não foi visto pelos encapuzados.

O bar não passava de um pé-sujo, como outros da região. Entendia que era o tipo de estabelecimento frequentado por estudantes como sua filha, gente sem dinheiro, artistas e criminosos. Não deixava de pensar, mesmo contra a vontade, que aquilo sofrido pela filha só podia ter acontecido num ambiente daqueles. Era algo que às vezes se metia por sua cabeça e ele se desviava de considerar a sério, fugindo para o pensamento seguinte pois não queria culpar a filha. Afinal, aquilo só poderia ter acontecido num lugar daqueles, porém ela havia ido até ali sobre os próprios pés, sem que ninguém a empurrasse até o balcão. Em geral, esforçava-se para tolerar o cotidiano da filha, vendo seus hábitos como condizentes com a profissão almejada por ela. No fundo, porém, por mais que evitasse, ele considerava que aquilo só podia ter acontecido à filha porque ela se misturou com aquele tipo de gente em questão. Com gente-lixo.

A noite avançou e ele persistiu na espera, sem saber como reagiria ao encontrar o sujeito em questão. Na madrugada, e já

Material com direitos autorais

não compreendia se era a da primeira noite que passou na calçada em frente, ou talvez a seguinte, pois tinha se desentendido das horas, acenderam luzes no interior do bar, trêmulas como a luz de velas. Imaginou que o sujeito em questão se escondia lá dentro, à espera de ser esquecido pelas intimações da escrivã de polícia e pela justiça. As luzes logo se apagaram, assim como ele próprio, que adormeceu antes de clarear.

Quase não passaram pessoas ou carros ao longo da manhã e da tarde. De noite, as luzes no interior do bar não acenderam novamente, o que o fez pensar que o sujeito devia ter escapado sem que ele o visse, quem sabe por alguma porta lateral ou pelos fundos. Só então percebeu que também não havia luz nos postes. Aquele instante diário que parece mágico, no qual todas as luzes da cidade se acendem ao mesmo tempo, como que acionadas por um interruptor divino, não aconteceu.

De manhã, despertou com o tilintar de uma moeda na calçada onde continuava jogado, a moeda caiu aos seus pés e permaneceu rodando ao redor do próprio eixo até desabar. Ouviu saltos dos sapatos de uma velha que se afastava e entendeu que a mulher, coberta de sacolas e claudicante, ela própria uma mendiga, o confundira com um igual.

De volta ao apartamento, encontrou no amontoado de papéis um antigo álbum de fotografias que o lembrou de outros momentos da filha, mais luminosos do que aquele que congelou o seu presente, o momento em que ela sofreu o que sofreu. Não fossem as fotos, ele teria dificuldades para recordar a chegada dela da maternidade, deitada sobre o seio da mãe exausta, em seu primeiro sono não supervisionado pela enfermeira. Ao rever o álbum, constatou que guardava poucas fotos da filha, em decorrência da separação abrupta que sucedeu ao seu nascimento. Talvez existissem algumas na casa da mãe, mas não sabia com exatidão onde ficava essa casa, nem em qual cidade, nem se ainda existia. Depois de ser abandonado, perdeu o contato com a mãe de sua filha.

A esse propósito havia na promessa à filha um aspecto que o

Material com direitos autorais

desautorizava a cumpri-la, algo que o assombrava, um episódio ocorrido pouco antes de a mãe dela abandonar os dois ao deus-dará. Ele andava bebendo demais, é verdade, ausentando-se graças às exigências do emprego na editora, mera desculpa. A filha devia ter um ano, nem chegara a andar pela primeira vez na sua direção, com aquele sorriso ainda sem dentes de quem nem sequer podia conceber o inferno onde os adultos estão metidos. Tinha chegado do trabalho tarde da noite, depois de uns goles com colegas no bar da esquina, e a mãe dela, que então passava suas noites diante da tevê, se insinuou no sofá da sala, ambos iluminados pelas cores anômalas do aparelho aceso. Ele andava carente, à deriva e excluído daquela relação entre filha e mãe, e se esfregou na mulher, mas ao sentir seu azedume de guardada, a presença indelével de uma bebê permanente no corpo da mãe, seu desejo arrefeceu no ato, e ele sentou ao lado dela, que continuou deitada, mirando o teto que prendia a ambos. Ela sentiu nele o bafo do álcool, pressentiu-lhe a impotência crescente, inadiável e melancólica murchando na consciência, assim como em outras partes, e soltou um risinho de escárnio, nada mais do que isso, uma risadinha de canto de boca que foi aumentando aos poucos, logo explodindo numa gargalhada.

No meio da noite, depois de se recolher ao quarto, após a mãe de sua filha adormecer no sofá da sala, ele recolheu, caída no tapete, a almofada estampada com uma personagem infantil qualquer, uma pequena rata branca de nariz avermelhado a cujo desenho animado a filha assistia repetidamente, uma almofada cor-de-rosa, a cor opressiva da casa por aqueles dias, e tentou sufocá-la, comprimindo a almofada contra a cara da mulher adormecida, mas acabou desistindo, menos pela reação dela do que pelo sorriso da pequena rata na almofada, a ratinha sorria para ele enquanto sufocava a mulher, o sorriso o fez lembrar da filha, trazendo-o à razão. Após espernear e arremessar o controle remoto do videocassete nele, de ameaçar chamar a polícia, ela se trancou no quarto. Menos de uma semana depois do acontecido, ela o abandonou com a filha pequena. Ele tinha motivos para compreender o fato de a mãe ter deixado a filha — jamais quis

Material com direitos autorais

ser mãe, apenas atendeu aos seus apelos, talvez para salvar o casamento —, embora nunca tenha entendido isso completamente.

De qualquer modo, nas fotos que ele guardava a filha aparecia em momentos felizes, nos quais não se percebia esse episódio. Coberta de espuma e acossada por patos de borracha na banheira. Ambos com vassouras nas mãos, enquanto fingiam varrer a cozinha. Com o rosto manchado pelo picolé de uva, na primeira vez em que entrou no mar. O retrato ao pé da árvore, cuja copa chegava até a janela do quarto dela, e que por isso ela chamava de *árvore da casa*, brincando que não tinha uma casa na árvore, e sim uma árvore na casa. Ela e ele fazendo caretas para a câmera, e ao ver essa foto ele também começou a fazer caretas como as da fotografia, talvez de dor. Estava doente e a dor despontava de vez em quando, ocupando o lugar das recordações. No rastro da dor, vinha a consciência da passagem do tempo. Aqueles eram seus últimos dias: diminuíam suas chances de cumprir a promessa — uma promessa, como ele sabia, muito aquém de sua altura moral e coragem. O episódio da almofada era o seu maior segredo e, sem nenhuma dúvida, minha maior vergonha e meu assombro.

Ele fechou o álbum e discou o número do albergue onde a filha tinha se hospedado, supostamente, sentia-se tão atônito que nem percebeu a linha telefônica sem funcionamento. A ausência de respostas, o eco metálico da linha desligada, isso fez bem a ele, o acalmou. Caminhou até o quarto de dormir e se deitou na cama; o lençol não era trocado havia tempo suficiente para exalar um odor desagradável de suor e urina. Desde que aconteceu aquilo à filha, ele não tinha dormido mais, apenas cochilado um sono entrecortado de pesadelos. Ao deitar daquela vez adormeceu instantaneamente, permanecendo assim por tempo indefinido.

A hibernação: trata-se de um erro costumeiro, na impossibilidade de descrever o sono, descreva-se o sonho. A beleza do sono se encontra no entorno do adormecido, nos

Material com direitos autorais

objetos ao redor da cama que o velam. Parece um milagre que o mundo continue a girar enquanto o adormecido dorme, e a geladeira permaneça ligada, preservando alimentos estragados, o arroz embolorando na panela e o verdejante presunto cujo prazo de validade, de tão desgastado pela umidade que afetou a etiqueta no qual está estampado, adquiriu aparência de hieróglifo. O adormecido, ao se entranhar na gruta do sono perdido (uma gruta no topo da montanha rochosa de uma ilha aonde ele chegou após sofrer um naufrágio), não percebe os raios cancerígenos das antenas de telefonia que o atravessam em suas horas de sono, ameaças invisíveis contra as quais o homem, em sua fúria caolha, ainda não preparou planos de vingança. No raio mais amplo dos arredores, onde por ora ele dorme no quarto do seu apartamento, a partir do prédio onde vive e do bairro e de sua guerra de classes permanente, que pode ser resumida na oposição entre os que têm um teto e os que vivem nas ruas, do prédio às avenidas mais distantes onde executivos ditam, do alto de helipontos em arranha-céus envidraçados, seus planos de execução, pois nesse amplo domínio algo ocorreu enquanto ele dormia, algo que não pode ser desfeito e alterou para sempre a consciência do homem adormecido, que bem poderia morrer num sono tão profundo, simplesmente esquecendo o caminho de volta para casa.

Ele levaria mais tempo para compreender que agora habitava essa paisagem na qual sons elétricos cessaram, e onde não se ouvia mais o sibilar das lâmpadas fluorescentes e o coaxar noturno das geladeiras, o rugir dos motores em movimento e o rodar das manadas de coletivos no asfalto. Quando por fim despertou, sua barba se enroscava nos dedos e o lençol fétido estrangulava seus tornozelos, de tantas voltas que dera ao redor do colchão, com a força de grilhões. Observou o teto e pensou que não poderia mais ser considerado um homem enquanto não cumprisse sua promessa. Seus sentidos estavam mortos, a vida como a conheceu não mais lhe interessava. Sua percepção das coisas tinha se movido para um lugar instável, onde coisas se empilhavam perigosamente, substituindo-se numa reordenação

Material com direitos autorais

incessante movida por um único intuito: dispor, no topo da pilha, seu desejo de vingança.

Ao acompanhar um inseto que emitia brilhos esverdeados, ele entendeu que deixou de ser um homem no momento em que soube do ocorrido à filha e optou pela racionalidade, em vez de arranjar uma arma ou liquidar o sujeito em questão com as próprias mãos. O que aconteceu à filha apagou sua autoimagem, uma construção alicerçada na infância mas que levara a existência inteira para colocar de pé. Nada lhe restava a não ser levantar e encarar a covardia no espelho. Ao fazer isso, o inseto lhe pousou na barba que chegava ao peito. A mosca titilou na sua face encovada, enroscando as patas nos pelos, e se meteu em sua narina. Ele abriu a boca de espanto e a mosca ressurgiu, saída do fundo dela. Mais irritante que uma mosca zumbindo nos ouvidos quando se procura dormir, talvez só uma mosca pousar nos olhos abertos de alguém que não consegue fechá-los. Não conseguiu afugentar a mosca, seus braços não obedeciam. É horrível quando isso acontece, ainda mais quando se juntam em enxames e se enfiam em nosso nariz, como invadem nossa boca aberta quando gostaríamos de mantê-la fechada, sobretudo quando estamos estendidos de cara ao sol com a arma caída ao lado porque não tivemos tempo de dispará-la.

Ele prosseguiu na escuridão do quarto, ouvindo hélices de helicópteros no firmamento, tiroteios e gritos nas ruas. Nessas ocasiões tão longas e estáticas, o corpo dele emitia uma luz esverdeada e tênue semelhante à de alguns gases, que chegava a iluminar o cômodo, mas não o suficiente para ler algum jornal do ano passado. Com as mudanças físicas ele esperava que seu corpo se tornasse mais pesado, porém ocorreu o contrário. Esses sintomas da doença o liberavam do peso moral de viver segundo as leis dos homens. Estava livre de qualquer convenção.

Uma tarde bateram em sua porta. Ele se aproximou da maçaneta, onde a mosca estava pousada, talvez fosse a mesma mosca, ouvindo o catarro no peito dos que estavam do lado de fora: havia mais de uma respiração, tossidos distintos. A maçaneta foi

Material com direitos autorais

girada, e a mosca bateu asas. O movimento da maçaneta se repetiu, depois cessou. Ele poderia passar pela fresta de debaixo da porta, se não tivesse a cabeça tão grande e dolorida, e verificar quem eram suas visitas.

As visitas: batidas o despertaram. Ele retirou os lençóis, deu dois tapas no colchão, que levantou pó no foco de luz solar sob a janela baça. Caminhou decidido em direção à porta e acompanhou o girar externo da maçaneta até parar. Através do olho mágico, vultos indistintos se moveram em aparente hesitação e saíram de quadro. Quando retirou a tranca, virou a chave e olhou pela porta entreaberta, não havia mais ninguém no patamar da escadaria. Ele trancou a porta e verificou a janela da sala, de onde poderia acompanhar a movimentação em frente ao prédio. Mas não ocorria movimentação alguma, ruas e calçadas estavam vazias. Acabou voltando ao estado de desgosto, enrolando as pernas nos lençóis, a consciência esvaziada exceto pela promessa, que era a causa de ainda seguir vivo.

O sono o despojou dessa convicção por uma noite, mas de manhã despertou com pancadas na porta outra vez. Ao levantar, acionou o interruptor sem lembrar que a energia elétrica tinha sido cortada. Tateou entre os móveis e papéis empilhados do corredor e ali, parado no escuro, sentiu fome e sede. A pontada aguilhoou seu ventre com um rangido seco e ele se agachou, abraçando as pernas. Da janela da sala vinha o tremeluzir do que parecia ser uma vela acesa num apartamento do lado oposto da rua. Ele comprimiu os olhos na tentativa de localizar alguém por lá, mas a chama alvacenta logo se apagou.

Uma nova agulhada o lembrou do Futurama, o supermercado da esquina, um lugar onde ofereciam de tudo, a não mais de duzentos passos do seu prédio. Deve ter alguma vantagem em se viver na metrópole, era o que sempre dizia à filha, ao abrir a porta com sacolas de compras nas mãos, enquanto ela o aguardava para o almoço. Agachado no corredor, ele lembrou do fígado sendo frito na manteiga, do cheiro de almoço se alastrando pelas escadarias do prédio ao meio-dia, estendeu a

Material com direitos autorais

mão e rasgou a folha de um jornal, justamente da seção de gastronomia. O ronco do estômago se prolongou até lhe contar alguma coisa numa língua que ele não chegou a aprender. Enquanto lia receitas e admirava fotografias dos pratos, pensou em colocar o pedaço rasgado na boca; acabou recheando os bolsos com o suplemento inteiro. O sol logo projetou um dia leitoso ao nascer na janela da sala. A sede o levou a abrir a porta do apartamento.

Ora, iria ao supermercado, era o que precisava fazer: isso, comprar mantimentos lá no Futurama. Ainda tinha algum dinheiro em casa, sua desconfiança com o sistema bancário seria providencial. Entre outras heranças do seu pai, como a noção de honra, estava o hábito de guardar dinheiro num discreto furo do colchão da cama que antes era ocupada pela filha. Às vezes, quando ela pedia um trocado para ir ao cinema com as amigas, isso foi antes de decidir viver sozinha na quitinete em outro bairro, ele ria por dentro, pois a filha não desconfiava que dormia em cima das economias da família. Dessa vez, ao rir daquilo, sentiu uma pontada na barriga. Estava enfraquecido e sabia que não era só por causa da alimentação precária. O médico o alertou sobre como seria a progressão da doença. A via-crúcis hepática. Ele foi até o quarto de dormir e enfiou a mão no furo do colchão. Não encontrou nada além da espuma, o dinheiro não estava mais onde deveria estar. Não tinha por que desconfiar da filha, embora ela fosse a única visitante do apartamento. Se gastara suas economias, como seria possível ele não se recordar disso. Tentou respirar, seguiu até a sala e girou a maçaneta da porta.

O patamar do elevador estava na penumbra, as luzes seguiam apagadas. Ele auscultou a janelinha da porta do elevador à procura de sinal de vida nos demais andares. Bateu na porta do vizinho em frente. Esperava ao menos que as luzes de emergência das escadas se acendessem automaticamente, como prometiam os avisos. Quando se preparava para descer, tateando a parede do patamar e acenando ao vazio na tentativa de acender as luzes, uma garra prensou sua nuca. Ele tentou se voltar para

Material com direitos autorais

escapar ao apertão, mas seu braço direito foi imobilizado detrás das costas. O punho brotado do nada atingiu seu nariz repetidas vezes e algo se rompeu, o nariz e talvez algum osso daquela mão sem braço nem o restante do corpo. Ele reagiu, desvencilhando o braço direito e dando um coice em quem o agarrava, alguém que despencou pela escadaria. Retrocedeu dois passos em direção à porta, mas foi interrompido a meio caminho, quando ia voltar ao apartamento. O golpe em seu estômago irradiou por todo o tronco uma dor que o levou ao chão. Ultrapassando seu corpo caído, duas sombras com pernas entraram pela porta, enquanto ele distribuía chutes ao acaso, acertando apenas o extintor de incêndio na parede, que se desprendeu e atingiu sua cabeça. Enquanto gemia, o que despencou na escadaria apareceu de regresso e também sumiu porta adentro. Quando soou o clique da chave na fechadura, só pensou na filha: fora de casa, do seu endereço habitual, ela nunca mais o encontraria.

Já de pé, esfolou os nós dos dedos de tanto espancar a madeira maciça. Alcançando o extintor de incêndio caído, passou a usá-lo de aríete contra a porta, depois contra a maçaneta, até que a arrancou, soltando ruídos metálicos ao repicar pelos degraus. Ele encostou o ouvido na madeira e não conseguiu captar nenhum barulho no interior do apartamento. Parecia desabitado. Ficou ali por horas, amaldiçoando a si mesmo e ao destino, até perder a consciência do tempo, depois desceu pela escadaria até o térreo.

Não encontrou ninguém no térreo, os vidros da porta dianteira do edifício estavam arrebentados. Procurou funcionários na portaria onde a correspondência se esparramava sobre o balcão e pelo piso coberto por fezes de algum animal. Notou a mancha avermelhada no trinco da porta: parecia sangue. Atravessou a garagem do edifício, observando se ainda havia automóveis nas vagas. Um deles estava fora do lugar, como se a sua trajetória habitual tivesse sido interrompida a meio caminho do portão. A porta arrombada do motorista convidava a entrar. No banco traseiro, uma cadeira para criança, brinquedos, mais nada. A chave permanecia no contato. Caminhou até o saguão do

Material com direitos autorais

edifício e sentou no piso à espera de que um morador entrasse ou saísse. Lambeu as feridas, vendo o peito empapado do sangue que escorria do nariz e os pés destruídos pelos chutes no extintor. Caído em frente à porta do elevador, mediu o próprio pulso entrecortado e submergiu na espuma de uma onda cálida que ia e vinha dar na areia branca de sua inconsciência.

Talvez ninguém tenha passado por ali. Após um tempo ele se ergueu e se esgueirou em direção à fraca claridade vinda da rua através da porta estilhaçada. Terminou de romper o vidro para sair, já que a trava elétrica não funcionava. O portão da grade em frente ao prédio estava aberto. Não tinha ninguém nas calçadas da rua, e a guarita do prédio vizinho parecia desguarnecida detrás dos vidros escuros. Os postes públicos continuavam apagados como no outro dia, exceto por um deles que ainda piscava, indeciso, na esquina em frente ao supermercado. Aquele poste tinha chamado sua atenção quando se aproximou da janela, à procura do som das turbinas de um avião que cruzava às dezenove horas o horizonte da cidade na janela do apartamento. Aquele avião tão pontual era seu relógio infalível, ele disse um dia à filha quando ela era pequena, por meio do qual acertava os ponteiros do relógio de pulso. A filha gostara da brincadeira e também se habituou a observar o avião todos os dias no mesmo horário, e depois o ajudava a dar corda no relógio. Com ar misterioso, de quem tinha desvendado o mecanismo do mundo, ela o retirava do pulso dele fingindo pressa e se punha diante da janela à espera. Quando o avião despontava, vindo dos lados do aeroporto, ela girava o botão, acertando os ponteiros, antes de o avião desaparecer nas nuvens. Durante os bons meses que a brincadeira durou, aquele avião nunca chegou a atrasar.

Ontem, entretanto, o avião não passou pela janela. Ele notou o poste solitário piscando na esquina e ouviu estrondos que pareciam ser de um helicóptero fora de vista. Por experiência, sabia que um helicóptero da polícia parado sobre a cidade anunciava tragédias.

Material com direitos autorais

Lá embaixo não havia barulho de hélices nem de nada. Um silêncio tão insistente era incomum naquela região central da cidade. Avançou pela rua e se surpreendeu com o ressoar dos próprios calcanhares no vazio. Não sabia que horas eram, e foi guiado até o supermercado pelos resmungos das próprias entranhas. No caminho, pensou ouvir cascos de cavalos se chocando contra o asfalto. Os únicos cavalos conhecidos da cidade, além daqueles do jóquei, pertenciam à polícia militar. Ele seguiu, mesmo desconfiando que o Futurama estaria fechado. O supermercado ficava no subsolo de um edifício e ocupava o piso do nível abaixo da rua. No estacionamento mal iluminado pela luz do único poste que piscava, havia dois automóveis. Sentiu falta dos mendigos na rampa que baixava até a entrada, tão disputada pelos moradores de rua quanto a frente das agências bancárias e lotéricas, lugares onde a mesquinhez humana talvez amaciasse um pouco. Não acreditava nisso, na verdade, e supunha que era a esperança dos mendigos que se redobrava, na medida inversa à sovinice alheia. A rampa também oferecia a vantagem de funcionar como abrigo temporário, ao menos até o fim do expediente, quando o portão era fechado. Ele era dos que nunca davam esmola.

Ao passar pela rampa acompanhado da filha voltando do Futurama, quando ela era pequena, sempre tinha prejuízo, pois a filha exigia dar algo da compra que traziam a algum mendigo que estivesse por ali, uma chateação, pois era algo que ele seria obrigado a comprar outra vez depois. Ela nunca perdeu aquela mania, apenas passou a viver sozinha na quitinete, o que trouxe a consequência de diminuírem suas idas conjuntas ao supermercado. E dessa vez não havia filha nem nenhum dos mendigos com quem ela simpatizava, como aquele homem mais velho, de queixo quadrado e aparência distinta que ela costumava chamar de *vô*. Estava sempre descalço, e tinha umas impressionantes solas dos pés, esbranquiçadas de tão gastas, o couro cascudo com dedos quase sem unhas. Ela dizia que aquele homem se parecia com o avô que ela conhecia somente dos retratos. Um dia, ao voltar do Futurama sozinho, ele notou que o

Material com direitos autorais

mendigo descalçava os sapatos e os guardava detrás das costas, ao sentar no chão com as pernas dobradas e as mãos cruzadas sobre os joelhos. Fazia isso talvez para reforçar sua humildade, apesar de ser desnecessário qualquer reforço, não passava de um pedinte miserável. Ou talvez porque os sapatos fossem menores que seus pés e os machucassem. Nunca mendigava coisa alguma. Naquele dia percebeu que as lascas de unhas dos pés dele estavam pintadas de vermelho.

No chão da rua, laranjas se esparramavam pelo asfalto, caídas de uma sacola cujo fundo estourou há bastante tempo, uma sacola de antes, do passado, laranjas douradas que quase eram atropeladas pelas rodas dos carros em movimento e se esparramavam velozmente em seu juízo. No entanto, a rua continuava vazia.

Na noite sem mendigos, ele desceu a rampa até o Futurama, que estava fechado. Nenhuma cintilação fora ou dentro do prédio. Ele decidiu aguardar a chegada dos funcionários e se esticou atrás das floreiras da entrada. Eram volumosas e o protegeriam de inconveniências. Sua esperança, além de encontrar comida e bebida, era obter auxílio para retornar ao apartamento. A temperatura caiu e ele se enrodilhou no piso de cimento, sentindo frio nos pés inchados. Retirou pedaços do jornal dos bolsos e colocou na boca, mastigando-os bem devagar. Miserável como qualquer mendigo.

No silêncio noturno, sobressaíam o estalar do aço do portão de correr se contraindo e latidos de cães ao longe. Seus pés latejaram por causa do inchaço, a fraqueza o venceu e teve pesadelos com a ocasião recente em que, desobedecendo a orientações da advogada, que lhe aparecia vestida num tailleur de brumas, permaneceu dias em frente ao bar à espera do tal sujeito. Em seus pesadelos o sujeito em questão também dava as caras, mas na hora de cumprir o que o levara ao bar, sua vingança, não conseguia cumprir nada do prometido. Acabava fugindo aos tropeços, mancando pelo asfalto.

Material com direitos autorais

A manhã se chocou nos edifícios ao leste e ele saiu sobressaltado do sono, murmúrios vinham do interior do Futurama. Pelas frestas do portão de correr, verificou um fraco ponto de luz se movendo lá dentro, vindo de alguma lanterna. Ele se ergueu e deu pancadas no aço sanfonado do portão. O vozerio cessou, a lâmpada foi apagada. Esmurrou o portão até não sentir mais os punhos. Ninguém o atendeu. Com resignação, aguardou o dia se firmar, à espera da chegada dos funcionários e da abertura do supermercado. A normalidade logo se restabeleceria. Nada aconteceu. Acabou subindo a rampa de volta à rua. Um sol indeciso clareou seus braços e ele abriu as mãos, esticando os dedos, algo que não examinava com atenção fazia tempo. A pele estava arroxeada pela sujeira e havia debaixo das unhas restos que preferiu não saber do que se tratava, nem de quem, ou de quando. Tinha comido a matéria completa sobre algum casamento da realeza, três páginas, o gosto de tinta velha ainda persistia na boca. As mãos, mais sujas que o habitual graças à tinta dispersada pelos jornais, pareciam emprestadas de outra pessoa. Não as reconheceu, assim como não reconhecia o restante do corpo após o diagnóstico, num processo que teve seu início no envelhecimento e seu epílogo na doença. Observou o relógio de pulso, nem se recordava mais do objeto que o acompanhava desde a juventude, presente do seu pai, ali estava o relógio, que surpresa. Algumas coisas não mudam, os ponteiros pareciam meio vagarosos. Após dar corda e aproximá-lo do ouvido, percebeu que não se mexiam. Perscrutou os dois extremos da rua até onde era possível enxergar, quem sabe à procura de alguém a quem perguntar as horas, mas não encontrou ninguém à vista, nem sinal algum além da iluminação do poste que permanecia piscando, o que não era bom, pois talvez já não estivesse de serviço o funcionário que devia apagá-lo, por isso continuava aceso. As pessoas passam a vida inteira nas cidades sem se preocuparem com certos assuntos: quem opera as luzes do semáforo e acende os postes; o asfalto e o pavimento das calçadas são substituídos durante a noite e alguém, em outro plano, cuida para que a água flua das cisternas,

Material com direitos autorais

a eletricidade das tomadas e os boletos se insinuem sorrateiramente por debaixo das portas todos os meses. Mas quem.

Na esquina um homem cruzou a rua acompanhado do cão. Não passou de um relance, o homem empurrava seu carrinho de supermercado seguido do cão, e logo sumiu de vista. Na distância, era possível ver uma ou outra figura hesitante sob a sombra dos edifícios. Compreendeu aquilo como um sinal, não sabia bem do quê, da expectativa de ainda existir alguma vida aqui na terra, talvez, e voltou a descer a rampa do Futurama. Devia sobreviver até o prazo sentenciado pelo médico findar, era isso, precisava comer para cumprir sua promessa. Com a orelha colada ao portão de correr, captou um ruído repetitivo, metálico, e vozes no interior abafadas pela barreira do aço. Espancou e chutou o portão até cansar, o que não demorou a acontecer.

Com a cabeça arriada, ele acordou, trêmulo, e o firmamento azulou e enegreceu. Guinchos atraíram sua atenção. Um rato o estudava, saindo do depósito onde o supermercado abrigava bujões de gás, vinha recebendo muita atenção dos ratos, e se tanta reciprocidade servia para se certificar de que permanecia vivo, também indicava que andava meio por baixo. Seria o mesmo rato ou outro rato aquele. Impossível saber, se algo torna os ratos reconhecíveis é o fato de serem todos iguais. Com resignação, arrastou-se até as floreiras onde tinha passado a noite e se camuflou entre as plantas. Em algum momento alguém devia aparecer, nem que fosse para caçar.

De manhã ele se ergueu e saiu dali, cambaleando de volta pela rampa. No nível da rua, tomou a direção do prédio onde morou nas últimas décadas. Não havia comida no apartamento, mas o dinheiro do colchão seria útil para abrir portões de supermercados. Em sua confusão recente ele tinha possivelmente mudado o dinheiro de esconderijo e esquecido, mas, claro, o furo no colchão não parecia mais tão seguro, era isso, e se esqueceu dele por completo. Com certeza os

Material com direitos autorais

funcionários do condomínio já deviam ter voltado ao batente. Caminhou alguns metros e se deparou com o carrinho de supermercado tombado bem ao lado do corpo do homem morto. Era o homem de antes, talvez, o que estava acompanhado do cão, só que sem o cão. Examinou os bolsos do morto à procura de alimento e encontrou a fotografia meio roída de uma mulher na janela com o rosto voltado para a paisagem, o vestido e a pose bonitos, árvores ao fundo. No verso, uma dedicatória o fez pensar que aquele ali tinha roído o amor de sua vida. Antes de devolver a fotografia, procurou pelo cão nas proximidades. Não queria ser atacado.

Avançou mais um estirão, através da fumaça que ainda subia da pilha de tijolos no meio-fio. Preferia não ter visto antes, entre outros restos de matéria carbonizada, a chapinha de identificação da coleira do cão. Não foi possível ler o nome. Das cinzas retirou um osso esturricado que chupou em busca de tutano, enquanto prosseguia na direção do prédio.

No trajeto encontrou mais ossos, neles não restava nenhuma fibra de carne. Em frente ao prédio, observou com incredulidade a porta da frente bloqueada por cimento, a entrada para a garagem e as janelas dos andares iniciais obstruídas por tijolos. Deu a volta à esquina para verificar se as entradas dos fundos estariam desimpedidas, chegando a tempo de acompanhar no interior do prédio espátulas sustentadas por mãos que podiam ser vistas somente em parte, rebocando os últimos tijolos nas janelas e na porta gradeada que dava para a área de serviço, tapando a passagem. Não posso mais voltar para casa.

Material com direitos autorais

2.
Futurama

A chuva continuou a cair e ele a seguiu, desabando sobre a calçada; no chão se cagou inteiro, uma merda que a água lavou das roupas, endurecendo o tecido, engrossando sua casca. Despertou com respingos sacolejados pelo rato trazido pela enxurrada. Nunca o mesmo rato, sempre o mesmo rato, nascido do ovo do rato anterior. Blocos de cimento e tijolos obstruíam a porta por onde sua filha passou tantas vezes, vinda do cinema ou da escola. Ergueu-se na obscuridade, vendo imagens que não gostaria de esquecer nunca, como o instante em que a filha, pouco antes de completar um ano, se levantou do tapete onde engatinhava e olhando nos olhos dele, sorrindo para ele com a cara iluminada como o sol do meio-dia, aprendeu a caminhar, indo direto para seus braços, algo digno de rever no instante da morte.

Antes de baixar pela rampa de volta ao Futurama, murmúrios chamaram sua atenção à sombra do prédio do lado oposto da rua. Podia ser uma pilha de sacos de lixo, mas se mexeu, desenvolvendo braços e pernas num novelo que se descolou da parede e soltou gemidos. Do novelo, agora mais nítido, emergiram as tetas de uma figura feminina, logo agarradas por dois pares de mãos. Algo naquele vulto, os trejeitos, a maneira de dobrar o pescoço para trás ao abraçar a cabeça aninhada em seu colo, o levou a pensar que era sua filha ali, misturada àquela gente fodendo no ermo da noite que se abateu sobre o bairro.

Ele se adiantou da calçada onde estava, pisando na sarjeta para atravessar a rua. Com o braço estendido e a mão apontada para o outro lado, ainda mancando, avançou — as feridas já não importavam —, filha, ele disse ao avançar, e o ranger da voz enferrujada atraiu a atenção do bando, que se dispersou como

Material com direitos autorais

membros de um organismo se desfazendo por alguma falha do princípio de coesão a mantê-los unidos, filha, repetiu com o ratear emitido por sua garganta, prendendo pelo braço a mulher até encará-la, e, para seu horror, ao olhar para baixo, descobrir que aquela era uma cópia infiel de sua filha no corpo de um homem. A travesti o empurrou, safando-se. Permaneceu segurando o vácuo por algum tempo, enquanto os demais fugiam, desaparecendo nas esquinas. Ele se dobrou sobre o próprio corpo, golfando fios amarelados. Luzes vindas das janelas do supermercado o atraíram e ele bambeou as pernas pela rampa de acesso abaixo. Dessa vez esmurrou o portão com as forças que lhe restavam, jogou-se contra o aço sanfonado até desmaiar.

Abriu os olhos na penumbra do corredor ladeado por prateleiras que reconheceu como sendo do Futurama. Talvez tivesse morrido e chegado a um paraíso em forma de supermercado. Em seu atordoamento, concebeu um além capaz de se adequar aos desejos do indivíduo ao morrer, onde mortos de fome reencarnavam entre gôndolas repletas de embalagens de comida. Quando retornou ao presente, as prateleiras estavam vazias. A chama tremeluziu no ar e sentiu na boca uma colher com uma papa fria e rançosa, seu paladar já não reconhecia nada além do gosto de sangue dos jornais. Apoiando as costas nas prateleiras, comprimiu os olhos para identificar quem o alimentava. O esforço o devolveu ao chão. Antes de apagar de novo, pensou ter reconhecido a filha entre os rostos à sua volta. A febre cozinhou seu organismo adoecido por uma semana, até voltar a si apenas para se certificar de que as prateleiras do Futurama continuavam vazias.

Quatro famílias de funcionários se abrigavam no supermercado. O líder era encarregado de reposição e levou o pessoal no comecinho da febre. Quando tu deu perdido aí fora nós achou que tu já era, disse o encarregado, tava pegadão de febre. E assim, com a cumbuca de papa nas mãos, soube o que acontecera

Material com direitos autorais

com o mundo. Enquanto o encarregado brandia o revólver e enumerava desgraças, ele só pensou na filha. Se continuaria viva, onde quer que estivesse. Talvez a febre tivesse cumprido a promessa em seu lugar e o sujeito em questão agora fosse um monte de ossos segurando uma porta. Estudou a cara dos filhos do encarregado e dos demais ocupantes do Futurama, duas caixas e um auxiliar de reposição, os familiares deles, além do agregado, um homem mais velho e de queixo quadrado. Não tardou a reconhecê-lo como o mendigo que sua filha tratava por *vô*, tão loquaz quanto uma esfinge após esgotar todas as perguntas. Ali se abrigaram, graças ao molho de chaves guardado pelo encarregado antes de o Futurama fechar as portas. Quando veio a febre, o encarregado, sua mulher e filhos invadiram o lugar pelos basculantes dos fundos, pois sabiam que os patrões não trocariam os cadeados daquelas janelas, ignoradas pela maioria dos funcionários. Para júbilo da mulher e das três crianças, a maior, o do meio e o caçula, o frigorífico do açougue ainda funcionava graças à espessa capa formada na era do gelo, brincou o encarregado piscando para o caçula, e estava cheio de batatas. Sem energia elétrica o gelo não duraria e as batatas apodreceriam, assim o encarregado permitiu às famílias das caixas e do auxiliar de reposição se juntarem à dele, e um dia encontraram, vivendo na sobreloja, o avô, tão afundado em silêncio a ponto de poder ser confundido com um moedor de carne esquecido ali.

As escuras, o Futurama era um labirinto de corredores de cimento que o remetia à viagem feita com a filha ao complexo de cavernas situado num vale distante da cidade, logo após sua separação da mãe dela. A menina andava deprimida com o sumiço da mãe. Durante o dia, através dos basculantes a luz natural iluminava o ar nublado pela poeira das dependências do supermercado, cuja quietude era interrompida apenas de noite, pelas pancadas no portão de aço da entrada e por gritos e lamentos vindos do breu exterior, de onde também chegavam ruídos e estouros. Ele passou a arrastar sua perna ferida pelos corredores, entre bancadas vazias antes ocupadas por berinjelas

Material com direitos autorais

e cocos. Tinha frequentado aquelas gôndolas desde que a filha era pequena e nunca lhe escapou a ironia do nome do lugar, um supermercado inaugurado décadas atrás, na época em que o centro da cidade prosperava e parecia longe de decair, graças à proximidade da prefeitura e dos bancos. O Futurama se encontrava nos arredores do poder, segundo se dizia, até o poder se transferir para áreas mais ricas. Restaram os antigos clientes nas filas das caixas, abandonados, roendo bananas às escondidas, em refeições às custas do supermercado que lhes vendeu o futuro em letras de neon, velhos com produtos furtados nas sacolas, mortos de fome sustentados por aposentadorias cadavéricas, viúvas em busca de algo macio e grátis para engolir, acumuladores de lixo doméstico e objetos anacrônicos, como ele próprio, quando envelheceu e continuou a comprar naquele lugar, aonde iam os que podiam ter sido mas não chegaram a ser: o futuro foi tão veloz que os atropelou ainda no presente. Nos últimos tempos o supermercado lutava contra a falência.

Agora, metamorfoseado pela doença numa sombra esverdeada, ele era o responsável pelo tonel de urina. Com a falta de água, os habitantes do Futurama adaptaram o reservatório para ferver a urina recolhida em baldes; o que restava do líquido era filtrado pela tela reaproveitada de um refrigerador improvisada em peneira, eliminando a ureia. Desenvolveram o processo sob orientação da filha da caixa do supermercado, a jovem química.

Nos fundos do prédio corroído pela umidade, ele rachava prateleiras a machadadas, depois usava a lenha para alimentar a fogueira sob o tonel. Sentado ali, com a cara abrasada pelas chamas, ele se enraivecia com a esperança cada vez mais vaga de cumprir sua promessa, àquela altura o sujeito em questão também podia se encontrar a salvo da lei, algo tão frágil, afinal, a calamidade dá seus primeiros sinais no esfacelamento da justiça. Iria embora assim que a perna sarasse. Procuraria o sujeito em questão na zona oeste. A vida daquele sujeito era uma sucessão de golpes dados na região, onde devia ter submetido muitas outras àquilo mesmo que fez com sua filha. Por isso talvez já não

Material com direitos autorais

estivesse vivo, naquele momento a cara do sujeito em questão podia estar afogada na poça do próprio sangue graças a um pai mais destemido, um pai não tão covarde quanto ele, com a força necessária para fazer cumprir antigos preceitos. A urina era despejada pelo cano do reservatório no tonel, provocando um turbilhão; enquanto girava a pá, ele se perdia nas filigranas de luz girando no fundo.

Ao atiçar a fogueira, estudava o avô em sua tarefa de montar armadilhas para animais. Em rigoroso silêncio, o avô distribuía seus artefatos maquinados a partir de gaiolas de pássaros adaptadas com mecanismos de fechamento automático, redes e alçapões que dispunha nos cantos mais remotos do supermercado, áreas onde antes se produziam alimentos, como a cozinha industrial e os fornos da panificadora, quase inacessíveis, a não ser aos roedores que ali encontravam restos de grãos para se alimentar. Qual um anacoreta, o avô se isolava no topo dos armários, nos forros e nas vigas do teto, vigiando sua rede de armadilhas. Sumia por horas, era rastreado somente devido ao clique-claque das armadilhas sendo acionadas ao longe. Quando voltava, trazia os bichos estripados. Aquele mendigo devia ter comido rato a vida inteira.

Logo no início, quando uma vez o avô se ausentou além do esperado, foi recebido pelo encarregado com xingamentos e empurrões. Sua bichona, disse o encarregado. O avô não retrucou e prosseguiu mudo, arriado no chão. As carcaças foram levadas ao fogo e o encarregado ia repartindo nacos da carne entre a família de uma das caixas, com quem vinha dividindo o catre sem que sua mulher demonstrasse contrariedade alguma, abocanhando pedaços maiores e só depois dando de comer aos próprios filhos. Quase no final da refeição, as sobras do caldo de batata foram entregues ao avô e aos mendigos recebidos nas dependências do Futurama sob condição de trabalharem nos mecanismos bolados pela jovem química, a filha da caixa, e pelo encarregado, um homem à moda antiga, vigoroso e empreendedor, aquilo que se denomina um bom pai,

Material com direitos autorais

mecanismos esses que viriam a promover a subsistência do grupo, era o que o encarregado alardeava de boca e peito estufados.

Quanto a ele, recebeu a cumbuca já compartilhada por vários recém-admitidos e no fundo só restavam cascas boiando no caldo turvo.

Passou a auxiliar o avô nas caçadas. Temia ser um estorvo pois a doença o enfraquecia, algo que o avô tinha compreendido ao vê-lo absorto diante da espiral de urina ou cochilando entre seus turnos no tonel de reciclagem. Como o encarregado andava exibindo sua arma com frequência, à medida que aumentava a população interna daquilo que chamava de *fábrica*, ele achou por bem se beneficiar das incursões do avô aos confins do terreno.

Observava seu comportamento arredio ao criar armadilhas que variavam de arapucas a alçapões, disparadas por mecanismos tão intrincados quanto o de pequenas máquinas, levando longos minutos até atingirem seu propósito de providenciar alimento. Sempre à parte dos demais, nos recantos de caça que ia aprendendo a cultivar conforme a sazonalidade de reprodução dos bichos, nas lajes de concreto quase encobertas pela vegetação, o avô se despia dos trapos e andava como se recém-chegado ao mundo, por onde ervas daninhas e parasitas se estendiam dos galhos das árvores ao redor do edifício e se espraiavam pelo interior do Futurama. O aumento da população dobrou a demanda por carne e o avô esculpiu uma lança potente a partir da madeira retirada da escrivaninha da administração, umedecida e lustrada com zelo pelo antigo contador com algum tipo de óleo que a preservou.

Ele sarou dos ferimentos e chegou a pensar que também tinha se curado da doença, só que sempre existe uma ferida que nunca fecha direito. O avô, ao perceber seu suplício, ao compreendê-lo como um inconsciente, alguém desavisado da sua condição de passageiro nesse purgatório, passou a assar o fígado dos animais em buracos cavados na parede, a fim de distrair a vigilância do encarregado, nichos ardentes no panorama negro da noite do

Material com direitos autorais

Futurama, o cheiro de churrasco que os capangas supunham vir do exterior do prédio ou dos próprios desejos, das fantasias de sua própria fome. Ao mastigar a carne, ele lembrava que a filha reconheceu o espírito piedoso do avô desde a primeira vez que o avistaram, sentado na rampa de acesso, pintando as unhas das mãos de vermelho e usando um bustiê sobre o torso seco e distendido feito um pau.

Um dia o avô voltou com os lábios pintados, carregando a caça e uns talos de mato dos quais extraiu um chá amargo, levando-o a rir de novo do mundo dos mortos e a mancar entre os vivos. Ele passou a enxergar naquele miserável um aliado, algo que nunca imaginou, não passava de um mendigo. Quem visse o avô saindo do matagal dos fundos do Futurama quase inteiramente nu, exceto pelo trapo lhe envolvendo o sexo, nas mãos a lança e a carcaça do tamanho de um cão mediano com sorriso congelado pela morte, poderia pensar que via um fantasma de outro lugar, o espírito de outro tempo.

Vai saber o que mais os esgoto carregou pra cá, aonde vai a presa o predador vai também, arrastando outro predador maior ainda no encalço. O avô falou isso na língua embrulhada dele, com seu vocabulário fossilizado que só podia ser intuído, não entendido de todo. Ele, porém, o ouviu e compreendeu na primeira audição, enquanto o avô desentranhava o bicho e dizia que apesar de tudo continuavam vivos, os cães, aquele ali um dia tinha sido vira-lata, mas ao se embrenharem no subsolo do Futurama para sobreviver, viraram outro animal mais incompreensível que o vira-lata, e mais veloz que o vira-lata, mais peludo e mais cruel. A partir daí talvez ele já não entendesse as palavras tão singulares do avô, talvez não as intuísse mais e só passou a imaginá-las.

Na carcaça espetada pelo avô sobre tijolos de onde saía uma fumacinha sugada pela claraboia, ele reconheceu um vira-lata em plena disparada acima das brasas, corria da vida em direção à morte. O avô despedaçou o cão e lhe estendeu o quarto traseiro, a melhor parte. O gesto o comoveu, mas a carne o enjoou:

Material com direitos autorais

enquanto a realidade encolhia e regredia, algo se avolumava nas suas vísceras, no de-dentro que não compreendia o espírito, com a gravidade e o peso de um tumor. Esse daí não precisa mais fugir das armadilha, disse o avô, tá liberado. Dependuraram as ratazanas nos varais onde salgavam a carne. Depois as acondicionaram nos embornais e rumaram aos mecanismos, de volta ao domínio do encarregado.

Peões se dispersavam na fumaceira retida pelo teto do pavilhão, sob ordens da jovem química. Ele os aguardou se enfileirarem à espera da ração servida nas cumbucas e só então reviu, na guarita de segurança, através das janelas baças de gordura, a silhueta da jovem química recortada pela chama da vela. Com ar pensativo, supervisionava o trabalho. Na fila dos miseráveis, aquela silhueta passou a ser a da filha extraviada nas montanhas, no oceano, no mundo inatingível, talvez na companhia de amigas que a abrigassem — era o que ele desejava com toda a força —, quem sabe ainda no albergue onde se escondera a fim de se recuperar daquilo que lhe aconteceu. Desejou que a filha tivesse encontrado a paz: porém que continuasse viva, nunca a paz final, que ela continuasse viva.

Foi servido do caldo turvo, umas coisas vivas se mexiam no fundo do plástico. Pelo menos estava quente. Os peões iam se acomodando em meio ao maquinário, acocorados em cima do ferro-velho a ser reaproveitado nos mecanismos. Ele se juntou a eles. Eram gastos e mal podiam falar, comunicando-se numa língua da qual captava não mais que estilhaços, é zica engolir essa lavagem, disse um deles sentado na betoneira, ao que outro assentiu enquanto sorvia, apenas acenando seu asco com o cenho franzido, tapando o nariz. Nós precisa é vazar daqui, continuou o primeiro homem, e murmúrios se alastraram em resposta, vindos dos trilhos recém-instalados na laje ocupada pelos mecanismos, em concordância ou não, causando no segundo homem, o calado que seguia de boca cheia, nova expressão de repugnância.

Saído da guarita, o encarregado veio na direção dos peões que

Material com direitos autorais